



AS IDEIAS LINGUÍSTICAS DE DOMINGOS DE  
ARAÚJO E A TRADIÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA  
CLÁSSICA NO BRASIL

THE LINGUISTICS IDEAS FROM DOMINGOS DE  
ARAÚJO AND THE TRADITION IN THE TEACHING OF  
CLASSIC LANGUAGE IN BRAZIL

Adilio Junior de SOUZA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR  
RECEBIDO EM 09/06/2017 • APROVADO EM 27/08/2017

---

## Abstract

---

This paper discusses the multiple conceptions about grammar according many authors: Matos (2007), Clemente (2012) and Martelotta (2013), and others. In this investigation, we begin by the division of *grammars* formulated by important authors in the 19th and 20th century: Barbosa (1822; 1830), Leoni (1858), João Ribeiro (1889; 1933), Julio Ribeiro (1881; 1899), Pereira (1907; 1935) e Ali (1921; [s/d]). This article looks for the primaries fonts from *Linguistics Ideas*

and is based on the process of *grammatization* of vernacular languages (AUROUX, 2009), for this reason, the methodology is also based on Linguistic Historiography. According to the classifications revealed by Pereira (1907) and by any others *grammatici*, we pretend to identify and define the *Grammatica latina* of Domingos de Araújo, written in 1627. We also have the intention to assess the utility of the linguistic instrument for the teaching of classic language (Latin), showing its pedagogic method.

---

## Resumo

---

Este artigo discute as múltiplas concepções do que seja uma *gramática* a partir de autores tais como: Matos (2007), Clemente (2012) e Martelotta (2013), entre outros. Em nossa investigação, partimos da divisão das gramáticas elaborados por alguns importantes autores dos séculos XIX e XX: Barbosa (1822; 1830), Leoni (1858), João Ribeiro (1889; 1933), Julio Ribeiro (1881; 1899), Pereira (1907; 1935) e Ali (1921; [s/d]). Nosso estudo se centra na busca de fontes das primeiras *ideias linguísticas* e se baseia no processo de *gramatização* de línguas vernáculas (AUROUX, 2009), por essa razão, a metodologia se baseia também na Historiografia Linguística. Diante das classificações apresentadas por Pereira (1907) e vários outros gramáticos citados, pretendemos identificar e definir a *Grammatica latina* de Domingos de Araujo (Araújo) escrita em 1627. Temos também a intenção de avaliarmos a utilidade da obra de Araujo para o ensino de língua clássica, evidenciando o seu método pedagógico.

---

## Entradas para indexação

---

**Keywords:** Grammatization. Linguistic instruments. Latin Teaching.

**Palavras-chave:** Gramatização. Instrumentos linguísticos. Ensino de latim.

---

## Texto integral

---

### INTRODUÇÃO

Termos como *gramática* e *língua* não têm recebido, atualmente, definições unívocas por parte de linguistas e gramáticos. Por isso, acreditamos ser relevante fazermos uma exposição de alguns dos principais conceitos sobre o que, de fato, seja uma gramática, assim como o que seria uma língua. Além disso, é nosso interesse buscar em fontes antigas algumas classificações das diferentes tipologias de gramáticas, com o intuito de fazermos a identificação e definição da *Grammatica latina: novamente ordenada, e conuertida em portugues pera menos trabalho dos que começaõ aprender*, escrita em 1627 por Domingos de Araujo.

Este artigo é resultado de uma investigação acerca das múltiplas concepções do que seja uma *gramática* a partir de autores que seguem a vertente funcionalista dos estudos linguísticos, tais como os trabalhos dos seguintes linguistas: Denilson

Matos (2007), Thalita Clemente (2012), Mariângela Oliveira e Josué Votre (2012), Alice Tavares (2012) e Eduardo Martelotta (2013).

Elencamos os seguintes objetivos: a) identificar quais os tipos de gramáticas existentes em língua portuguesa, especialmente as de cunho descritivo; b) evidenciar a importância da *Grammatica latina* de Domingos de Araujo (1627) para o ensino de língua latina; c) observar como as construções latinas se moldam às necessidades comunicativas.

Em nossa investigação, discutimos a divisão das gramáticas vernáculas elaboradas por importantes gramáticos dos últimos dois séculos: Barbosa (1822; 1830), João Ribeiro (1889; 1933), Julio Ribeiro (1881; 1899), Ernesto Ribeiro (1915), Pereira (1907; 1935) e Said Ali (1921). O procedimento metodológico adotado foi o exame historiográfico a partir dessas fontes, fundamentado na literatura atual de cunho funcionalista.

Diante das classificações apresentadas por Pereira (1907; 1935), João Ribeiro (1889) e Ernesto Ribeiro (1915), identificamos a existência de pelo menos seis categorias: *histórica*, *filosófica*, *comparada*, *expositiva*, *particular* e *geral*. O critério para essa classificação feito com base no tipo de modelo teórico e teoria gramatical ou linguística empregada.

De outro modo, Matos (2017) e Martelotta (2013) dividem a noção de gramática em *natural* e *teorética*. Para essa divisão, esses linguistas se baseiam no critério da cientificidade: de um lado, a observação do fenômeno pelo olhar científico/metalinguístico (*gramática teorética*), do outro, a observação do mesmo fenômeno pelo olhar naturalístico/epilinguístico (*gramática natural*).

Essas classificações taxionômicas serviram para que se chegasse à concepção de *gramática emergente*. Este conceito foi formulado por Paul Hopper (1987, apud TAVARES, 2012) no interior da *Linguística Funcional Centrada no Uso* (LFCU) e pressupõe a hipótese de que a gramática é *um repertório de construções linguísticas*, ou seja, ela é *constituída por um conjunto de regularidades* (OLIVEIRA; VOTRE 2012), que emerge das necessidades comunicativas do falante. A estrutura da língua se forma a partir do uso.

Nesse instrumento linguístico em análise, encontram-se algumas regras gerais dos casos latinos, das cinco declinações e estrutura verbal. A obra apresenta igualmente características didático-pedagógicas. O método de ensino de Araujo em muito antecede o que se vê nos principais materiais didáticos de ensino de latim produzidos no Brasil. Contudo, esta é uma obra pouco conhecida no meio acadêmico. Esperamos, assim, despertar a comunidade acadêmica para que se volte para o estudo de língua clássica por meio desse trabalho do século XVII.

Este artigo está dividido em quatro seções: a primeira é esta que introduz o estudo; a segunda apresenta os conceitos de gramática e a exposição dos principais tipos, os critérios adotados também são discutidos; a terceira expõe a *Grammatica latina*, evidenciando o método didático-pedagógico adotado por Araujo (1627) e quarta problematiza sobre a desvalorização de gramáticas antigas no ensino de Latim.

A nossa investigação está centrada na busca de fontes que evidenciem algumas das primeiras *ideias linguísticas* e no processo de *gramatização* de línguas clássicas e vernáculas, como é o caso da língua latina e da língua portuguesa. Por isso, devemos discutir alguns conceitos basilares para em seguida tratarmos do conceito de gramática e suas diferentes tipologias.

Em nosso estudo, entendemos que o processo de *gramatização* de uma língua pode ser realizado por meio da criação de instrumentos linguísticos. No dizer de Sylvain Auroux (2009, p. 65), pelo termo *gramatização* “deve-se entender o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”. Acrescentamos, ainda, as *retóricas*, tendo em vista a importância que os manuais de retórica exerceram no ensino da eloquência, especialmente no ensino religioso.

A gramatização, assim definida, foi profundamente discutida por Auroux em sua célebre obra: *A revolução tecnológica da gramatização*. Para esse autor, devemos distinguir o saber epilinguístico do saber metalinguístico. O primeiro diz respeito ao conhecimento de senso comum que o indivíduo tem sobre seu próprio idioma. Por outro lado, o saber metalinguístico exige do indivíduo um conhecimento mais elaborado, que, geralmente, envolve uma terminologia sobre a língua.

A instrumentalização de um determinado idioma permite que o indivíduo amplie o conhecimento metalinguístico por meio de modelos teóricos elaborados sobre esse idioma, isto é, os constructos teóricos sobre a estrutura de um sistema linguístico podem ser evidenciados.

Aproveitemos a noção de *instrumentalização* para pensarmos no conceito de *língua* geralmente entendida como sinônimo de gramática. Em sua *Gramática expositiva*, o gramático Eduardo Carlos Pereira (1907) define *língua* como “um systema natural de palavras de que servem os agrupamentos de homens para entre si comunicarem seus pensamentos”. Definição similar a que apresentam os linguistas Furtado da Cunha, Costa e Martelotta (2013, p. 16) ao afirmarem que a língua é “normalmente definida como um sistema de signos vocais utilizado como meio de comunicação entre os membros de um grupo social ou de uma comunidade linguística”. As duas noções remetem ao conceito estabelecido por Ferdinand de Saussure, no *Curso de Linguística Geral* (2012), no qual a língua é um sistema de signos organizados que exprimem ideias.

Além dessas perspectivas, há ainda a ideia de que língua é um instrumento de interação social atravessado por crenças e ideologias, isto é, ela serve como instrumento de prática social e “luta de classes”, no dizer de Bakhtin (2011). O que, de fato, não difere muito dos outros conceitos apresentados. Assim sendo, vemos a não univocidade do termo até mesmo entre os autores mencionados. Obviamente há ainda outras perspectivas aqui não discutidas, que podem ser matéria para outro estudo.

Como vimos na definição apresentada por Auroux (2009), a *gramática* é um instrumento linguístico, que contém as regras de organização de uma dada língua.

Em uma primeira tentativa de conceituação, podemos dizer que “**Grammatica** é a coordenação das fórmulas, leis ou regras, segundo as quaes uma língua é falada ou escripta” (RIBEIRO, João, 1889, grifos do autor) ou que “**Grammatica** é a coordenação e exposição das regras da linguagem” (RIBEIRO, João, 1933, p. 09, grifos do autor).

Em uma segunda, podemos afirmar que “Grammatica é a exposição methodica dos factos da linguagem” (RIBEIRO, Julio, 1881, p. 01).

Em uma terceira e mais ampla, podemos dizer que a “**Grammatica** é o conjunto das regras, observadas em um ou mais idiomas, relativas aos sons ou fonemas, às formas dos vocábulos e à combinação destes em proposições” (ALI, [s/d], p. 05, grifos do autor). Dito de outra maneira, a “**Grammatica** (*gr. gramma = letra*) é a systematização dos factos da linguagem” (PEREIRA, 1907, p. 03, grifos do autor). Mais adiante, o mesmo autor reforça: “Grammatica é a sciencia das palavras e suas relações, ou a arte de usar as palavras com acerto na expressão do pensamento” (PEREIRA, 1907, p. 03).

Em seguida, lemos que:

A concepção de grammatica como sciencia é, podemos dizê-lo, uma idéa nova nascida com a linguística moderna. Assim entendida, é a grammatica de uma língua a determinação das leis naturaes, que a regem em sua evolução histórica. A grammatica, accrescenta elle, póde ser considerada como arte. Deste modo a encaram os gregos e os latinos, e a idade-média, e assim a encaram os grammaticos modernos que não se prendem á eschola historica. Da antiga Roma nos veio esta definição: *A grammatica é a arte de escrever e fallar corretamente* (DARMESTER, [s/d], p. 06-09 apud PEREIRA, 1907, p. 03).

Desse fragmento podemos extrair três importantes questões: **(01)** a primeira se refere ao fato de uma gramática ser entendida como a própria estrutura interna do sistema, ou seja, as regras naturais de uma língua. Daí o conceito de *gramática natural* defendida por Matos (2007); **(02)** a segunda questão se volta para a noção de gramática como modelo teórico elaborado, por exemplo, por um gramático, é o caso da chamada *gramática teórica* apontada por Matos (2007); por último, **(03)** ainda temos a definição de gramática como a “arte de falar e escrever corretamente” que é o que se prega no ensino de língua materna.

A mesma distinção entre as duas concepções de gramáticas são discutidas por Martelotta (2013). Ao tratar desse tema no capítulo sobre os *Conceitos de gramática*, Martelotta (2013, p. 44) diz que:

Por um lado, esse vocábulo pode ser usado para designar o funcionamento da própria língua, que é o objeto a ser descrito pelo

cientista. Nesse sentido, gramática diz respeito ao conjunto e à natureza dos elementos que compõem uma língua e às restrições que comandam sua união para formar unidades maiores nos contextos reais de uso.

Esta seria, portanto, a *gramática natural* de um idioma. E é a matéria que tem servido aos estudos linguísticos hoje vigentes. As descrições e análises linguísticas feitas sobre a gramática natural permitem um ajuizamento sobre a composição, formação e organização das palavras, bem como estudos das unidades distintivas (ou fonemas) e unidades significativas (ou morfemas), além da análise sobre os significados (semântica) e sentidos lexicais (léxico), entre outros.

Por outro lado, o termo é utilizado para designar os estudos que buscam descrever a natureza desses elementos e suas restrições de combinações. Nesse segundo sentido, 'gramática' se refere aos modelos teóricos criados pelos cientistas a fim de explicar o funcionamento da língua (MARTELOTTA, 2013, p. 44).

Isto é, esta seria a *gramática teórica*, que está na base dos muitos modelos teóricos e analíticos que se encontram no meio acadêmico. Nesses modelos, o conhecimento metalinguístico é levado ao extremo: as análises e descrições podem evidenciar as estruturas, evidenciando os eixos sintagmáticos (sintagmas) e paradigmáticos (paradigmas), além da sintaxe (partes do discurso) e atos de fala (em todos os aspectos). Níveis como o fonético, fonológico, morfológico, semântico, pragmático, discursivo, textual são aprofundados e observados a partir de teorias linguísticas específicas.

Esclarecida essa distinção, devemos conhecer os principais tipos de gramáticas teóricas existentes na atualidade.

## 1.2 Critérios de classificações

Há dois modos de fazermos uma classificação dessas tipologias:

I. Podemos encarar os vários modelos teóricos como *tipos* ou *categoria*, igualmente como fez Elvira Narvaja de Arnoux (2013) em seu estudo *Esbozos de un archivo de la diversidad lingüística en dos textos gramaticales renacentistas: el Diálogo de la lengua de Juan de Valdés y el Arte grande de la lengua castellana de Gonzalo Correas*. Nesse caso, devemos distribuí-las entre as de *estado*, *geral* ou *particular*. **É importante frisar que os critérios para a classificação de Arnoux (2013) envolvem a observação do nascimento do MERCOSUL, como unidade, região e estado político. A autora analisa a materialização da ideologia nos textos por ela investigados, formulando, assim, uma teoria científica<sup>1</sup>.**

II. Poderemos tomar os modelos teóricos como *tipos específicos*. Nesse sentido, cada modelo será identificado como único e as de estado, gerais e

particulares são modelos também, que podem ser somadas com as gramáticas: tradicional, histórico-comparativa, estrutural, gerativa (internalizada / universal), implícita, explícita (teorética), reflexiva, constrativa (diferencial) e cognitivo-funcional (funcionalista) e as várias outras. **Aqui a classificação segue o critério baseado nas diferentes formas de compreensão da estrutura de uma língua, levam-se em conta também os variados modelos gramaticais e teóricos adotados e por isso, cada concepção de gramática reflete as teorias linguísticas empregadas.**

Apesar das contribuições de Arnoux (2013) para o estudo das categorias por ela elencadas, acreditamos que a segunda opção será, nesse momento, mais adequada. A razão para isso se fundamenta, inicialmente, em duas obras: o capítulo IV da *Grammatica Histórica* de Pereira (1935, p. 13-14) e o capítulo *Grammatica e sua divisão* do mesmo autor (PEREIRA, 1907, p. 03-04), nos quais a gramática é dividida em *grammatica geral, particular, histórica e expositiva, descritiva ou prática*. Utilizaremos o critério exposto em II.

Vemos assim, que a obra de Pereira antecede o estudo de Arnoux em pelo menos um século e os critérios utilizados por esses autores é distinto. A importância das investigações de Arnoux não está em debate, mas somente a atualidade de suas reflexões, tendo em vista outros critérios. Sendo esse um estudo historiográfico, primaremos pelas fontes antigas, a fim de construirmos um aparato teórico que se adeque a investigação por nós realizada.

### 1.3 Tipologias de gramáticas conforme o critério II

De acordo com Pereira (1907, p. 04), podemos definir os seguintes tipos de gramáticas:

**Grammatica geral** é, hoje, o estudo comparado de um grupo de línguas congeneres, como a *Grammatica das Línguas Romanicas*, de F. Diez.

**Grammatica particular** é o estudo dos factos de uma língua particular, quer encarados em seu estado actual, quer em suas transformações históricas.

**Grammatica histórica** é o estudo das transformações de uma língua, no tempo e no espaço, feito comparativamente com as transformações paralelas das línguas e dialectos congeneres. É um estudo histórico-comparativo.

**Grammatica expositiva**, DESCRIPTIVA ou PRACTICA, é a que expõe ou descreve methodicamente os factos actuaes de uma língua determinada (grifos do autor).

Em sua *Grammatica Histórica*, o mesmo autor chega a advertir os leitores, afirmando que “Quatro são os aspectos fundamentaes do estudo da grammatica, que

são: o geral e o particular, o histórico e o expositivo: grammatica geral e particular, grammatica histórica e expositiva” (PEREIRA, 1935, p. 13). Dos conceitos apresentados pelo autor, devemos perceber que a gramática descritiva parece estar mais próxima da abordagem linguística de descrição de línguas, uma vez que a “*Grammatica expositiva, descriptiva ou prática* é a que se limita a expor ou a descrever, para fins prácticos, os factos da língua na época actual” (PEREIRA, 1935, p. 14). Portanto, é uma perspectiva sincrônica da linguagem. o fenômeno da linguagem é apresentado no estudo atual de uso.

Assim como Pereira procedeu nas duas obras, Said Ali ([s/d]) nos informa em sua *Grammatica secundária da língua portuguesa* que a gramática de um idioma pode ser *histórica* ou *descriptiva*. O autor as resume com essas palavras:

**Grammatica histórica** é aquella que estuda a evolução dos diversos factos da língua desde a sua origem até a época presente.

**Grammatica descriptiva** é a que expõe os factos da língua actual (ALI, [s/d], p. 05, grifos do autor).

E logo em seguida, completa: “**Grammatica comparativa** é a que estuda duas ou mais línguas do mesmo typo, mostrando as semelhanças e dissemelhanças existentes entre as mesmas” (ALI, [s/d], p. 05, grifos do autor). A definição de grammatica descriptiva é similar a que encontramos em Pereira (1907; 1935).

Por outro lado, em sua *Grammatica portugueza: 3<sup>o</sup> anno*, João Ribeiro (1889) também defende que a *grammatica* se divide em *geral* e *particular*. Esse autor define:

**Grammatica geral** é a que expõe os princípios lógicos communs a todas as línguas.

**Grammatica particular** é a que expõe os princípios e as particularidades especiais de um idioma (RIBEIRO, João, 1889, p. 01).

E por último, acrescenta:

**Grammatica histórica** é a que estuda os factos de uma língua, em seus diversos períodos, desde a origem e formação até a época presente.

**Grammatica comparativa** é a que estuda os factos communs ou diferentes, em um grupo de línguas que têm a mesma origem (RIBEIRO, João, 1889, p. 01-02).

E então finaliza a apresentação dos instrumentos linguísticos, dizendo que: “**Grammatica descriptiva** ou expositiva, ou prática, é a arte que ensina a falar e a



escrever corretamente uma língua” (RIBEIRO, João, 1889, p. 02). Todavia, como se percebe, a última definição apresentada pelo autor se aplica mais a gramática *tradicional* do que a *descritiva*, uma vez que naquela a “correção gramatical” é um de seus pilares, dado seu caráter *prescritivo*. (SOUZA, 2017a).

Finalmente, traremos aqui a classificação apontada por Ernesto Carneiro Ribeiro *Serões grammaticas ou Nova grammatica portugueza*<sup>2</sup> (1915), na qual se encontram as gramáticas do tipo *geral, particular, comparada e histórica*, com as seguintes definições:

A **grammatica geral** tem por assumpto os princípios universaes e invariaveis da linguagem; estuda os factos, as leis reguladoras da linguagem na sua maior amplitude.

A **particular** restringe o estudo dos factos ou leis da linguagem a uma só língua, fazendo applicação dos princípios, que são o objecto da grammatica geral, aos usos, as instituições mais ou menos arbitrarías da língua ou idioma, que especialmente estudados.

A *grammatica geral* é uma só; ha, porem, tantas grammaticas particulares, quantas são as línguas no seu periodo disciplinar ou critico.

A **grammatica comparada** estuda os idiomas investigando-lhes as analogias e semelhanças, as feições e ademanes particulares, comparando-lhes os factos, as transformações, a filiação, o desenvolvimento e evolução histórica (RIBEIRO, Ernesto, 1915, p. 03, grifos do autor).

Diante do que Ernesto Ribeiro nos revela, temos a compreensão de que, diferentemente dos autores anteriores, ele faz uma clara diferenciação entre a *geral* e a *particular*. Para esse gramático, as do tipo particulares refletem as características específicas das línguas descritas e, assim, uma gramática do latim, como a de Araujo, deve evidenciar as especificidades do idioma do Lácio. Para o autor:

A *grammatica particular*, quando *elementar*, diz-se também *expositiva, descriptiva* ou *pratica*, porque expõe, descreve, classifica, estabelece methodicamente os factos ou phenomenos de uma língua, estatuindo as regras e preceitos a que se submetem, sem attentar nas leis e nos princípios geraes que regem e dominam.

Essa é a que geralmente se define a arte de fallar e escrever correctamente uma língua (RIBEIRO, Ernesto, 1915, p. 04, grifos do autor).

Todavia, aqui, mais uma vez, vemos uma definição contraditória. Igualmente como fez João Ribeiro (1889), que aproxima a gramática particular da gramática tradicional, com finalidades prescritivistas. Nos termos estabelecidos por Ernesto Ribeiro, esse tipo de gramática serve para a correção gramatical. Porém esta

definição apresentadas pelos dois autores não está em consenso com as anteriores. Contudo, era preciso apresentar as principais conceituações, sem nenhum tipo de omissão.

Outras divisões podem ser encontradas na maioria dos compêndios gramaticais dos séculos XIX e XX. Listaremos aqui as principais obras consultadas:

**Tabela 01 – Principais gramáticas dos séculos XIX e XX**

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>
Grammatica secundária da língua portuguesa	M. Said Ali	[s/d]
Grammatica histórica da língua portuguesa	M. Said Ali	1921
Grammatica philosophica da língua portuguesa ou princípios de grammatica geral applicados à nossa linguagem	Jerónimo Soares Barbosa	1822
Grammatica philosophica da língua portuguesa	Jerónimo Soares Barbosa	1830
Genio da língua portuguesa, ou causas racionaes e philologicas de todas as reformas e derivações da mesma língua	Francisco Evaristo Leoni	1858
Grammatica histórica	Eduardo Carlos Pereira	1935
Grammatica expositiva	Eduardo Carlos Pereira	1907
Grammatica portugueza: 3 <sup>o</sup> anno	João Ribeiro	1889
Grammatica portugueza: curso superior	João Ribeiro	1933
Grammatica portugueza	Julio Ribeiro	1899
Grammatica portugueza	Julio Ribeiro	1881
Serões grammaticaes ou Nova grammatica portugueza	Ernesto Carneiro	1915

**Fonte:** <http://www4.iel.unicamp.br/biblioteca/gramatica.php>

O acesso a tais instrumentos é livre, podendo o leitor não apenas fazer uma consulta como também executar o *download* da obra integral, gratuitamente. Vimos em cada uma delas, que a divisão aqui revelada se manteve, com ligeiras diferenciações, como a que se viu em João Ribeiro (1889).

Na lista, vemos gramáticas do vernáculo que podem ser identificadas como: *históricas* (ALI, 1921; LEONI, 1858; PEREIRA, 1935), *filosóficas* ou *gerais* (BARBOSA, 1822; 1830), *expositiva* (PEREIRA, 1907) e outras, que em virtude das características podem ser *particulares* (RIBEIRO, João, 1889; 1933; RIBEIRO, Julio, 1899; 1881; ALI, [s/d]), entre outras.

Vale ressaltar que não entraremos, novamente, no mérito da distinção entre *gramática prescritiva* e *gramática descritiva*, uma vez que já o fizemos no estudo *O preconceito linguístico em debate: quais gramáticas descritivas usar?* de Souza (2017a). Naquela ocasião, tivemos a oportunidade de não só fazermos uma separação conceitual, bem como discutimos sobre quais gramáticas descritivas um professor de língua materna poderia fazer uso em sala de aula.

Cabe aqui, então, observarmos que diferentemente de Arnoux (2013) que fala em gramática *de estado, geral e particular*, Pereira (1907) destaca as do tipo *geral e particular*, acrescentando, ainda, a gramática *histórica* e a *expositiva*.

A razão para as diferentes opiniões reside no fato de que Arnoux fala a partir de um lugar teórico constituído na atualidade, do qual se pode conferir aos instrumentos linguísticos do passado, um caráter ideológico ligado ao estado, bem como a concretização de ideologias nos textos da época. A exemplo disso, Arnoux destaca a *Gramática de la Lengua Castellana*, de Antonio de Nebrija (1492), entre outros instrumentos linguísticos.

Para nós, contudo, não percebemos o ajustamento desse conceito aos instrumentos avaliados, mas não o descartamos para estudos futuros. Nosso estudo se detém no exame da gramática pedagógica de Araujo, sendo ela, portanto, enquadrada em outra categoria, uma que une as características da particular e expositiva. Resta, agora, conhecermos uma última tipologia de gramática: a *gramática emergente*.

#### 1.4 A NOÇÃO DE GRAMÁTICA EMERGENTE: PRESSUPOSTOS FUNCIONALISTAS

Antes de adentrarmos no conceito de *gramática emergente* propriamente dito, vejamos algumas tipologias apresentadas por Eduardo Martelotta (2013) e Thalita Clemente (2012). No capítulo intitulado *Conceitos de gramática*, Martelotta (2013) traz cinco tipologias: *tradicional, histórico-comparativa, estrutural, gerativa e cognitivo-funcional*.

Por outro lado, Thalita Clemente (2012), no estudo *As concepções de gramática e sua prática em sala de aula*, apresenta uma lista com onze diferentes concepções de gramática, entre as quais a autora destaca: *normativa, descritiva, internalizada, implícita, explícita* ou *teórica, reflexiva, contrastiva* ou *transferencial, geral, universal, histórica e comparada*, acrescentamos ainda a gramática pedagógica

como a junção entre a particular e expositiva. Esta última, como define Marcos Bagno (2012), é uma gramática pensada para o auxílio na *formação docente*, ou seja, mais que isso, é um material para o professor-estudante de línguas.

Diante do que foi dito até aqui, a nossa escolha por aceitarmos os múltiplos instrumentos linguísticos como um conjunto de tipos únicos torna-se justificada. E a razão está na noção de *gramática emergente*. É nela que as todas essas categorias se balizam. Por mais que haja diferenças entre elas, podemos filtrá-las a fim de observarmos a emergência da gramática latina.

A *gramática emergente* é um termo oriundo da *Linguística Funcional Centrada no Uso* (LCFU), cunhado por Paul Hopper (1987, apud TAVARES, 2012). A hipótese central dessa noção reside no fato de que as línguas se moldam conforme as necessidades comunicativas, de maneira que a gramática de uma língua é estruturada a partir do uso. Em termos funcionalistas, a gramática é, basicamente, “um repertório de construções linguísticas” (TAVARES, 2012) e “é constituída por um conjunto de regularidades” (OLIVEIRA; VOTRE 2012), que se ajustam ao uso. As pressões do uso determinam a sintaxe da língua.

Conforme Alice Tavares, em a *Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical* (2012), a proposta de Paul J. Hopper (1987) diz que:

[...] a gramática é um repertório de construções linguísticas que, outrora, representavam estratégias retóricas criativas e expressivas para a constituição do discurso, mas que devido à alta frequência de uso, acabam se tornando rotinizadas, convencionalizadas, passando, assim, a fazer parte da gramática (TAVARES, 2012, p. 33).

A língua latina, assim como qualquer outro idioma, não poderia fugir a essa regra. As pressões de uso geradas pela situação comunicativa, por assim dizer, moldam a estrutura gramatical da língua. Por essa razão as línguas mudam (e evoluem), pois à medida que determinadas formas se rotinizam, podem também ser esvaziadas de significados. A frequência de uso gera, entre outros fenômenos, a *gramaticalização*, *lexicalização* ou *discursivização* (CEZARIO, 2012).

Em um importante artigo de viés funcionalista, cujo título é *A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista*, os linguistas Mariângela Oliveira e Sebastião Votre (2012) fazem uma interpretação dos conceitos de *discurso* e *gramática* a partir da obra *On Understanding Grammar*, de Givón. Nessa interpretação, o *discurso* “passa a se referir às estratégias criativas dos usuários na organização de sua produção linguística, aos modos individuais com que cada membro da comunidade elabora suas formas de expressão verbal”; por outro lado, o conceito de *gramática* “é concebido como um conjunto das regularidades linguísticas, como o modo ritualizado ou comunitário do uso; se ao discurso cabe a liberdade e autonomia da expressão, à gramática compete a sistematização e regularização” (OLIVEIRA; VOTRE, 2012, p. 158).

Em outras palavras, “há uma forte vinculação entre discurso e gramática: a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva” (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 163). Assim sendo, segundo a autora, “para compreender o fenômeno sintático, seria preciso estudar a língua em uso em seus contextos discursivos específicos, pois é neste espaço que a gramática é constituída” (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 164). Esta é a definição de gramática emergente extraída da leitura que Furtado da Cunha faz de Paul Hopper (1998). Em suma,

Considerar a gramática como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, implica reconhecer que a gramática de qualquer língua exhibe padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 164).

Isto também se aplica ao latim empregado no século XVII, século em que Araúio escreve sua *Grammatica latina*. Por mais que já a essa altura o latim não fosse mais empregado como *língua viva* (SOUZA, 2017b), a ideia, com base nesse instrumento, é dar ao latim e aos falantes não nativos, a possibilidade de ser encarada como tal, para que possam fazer emergir a gramática a partir do uso.

Como vimos na definição de Oliveira e Votre, é reservada à gramática a “tarefa” de sistematizar e regularizar as estruturas. Ora, no latim, a regularização é a base da morfologia. Por exemplo, os substantivos de **primeira declinação** apresentam a regularidade de terem, todos eles, uma sequência predefinida de desinências para os seis casos latinos, sejam no singular ou no plural. O chamado paradigma formal se aplica a qualquer substantivo dessa classe, com raríssimas exceções facilmente identificáveis. Por ser o latim uma *língua morta*, essa sistematização é praticamente inviolável (SOUZA, 2017b). É uma língua imota. Qualquer palavra que pertença ao grupo da primeira declinação seguirá o mesmo paradigma.

**Ex. 01:** *Rosa*, - ae (f): rosa.

	<i>Singular</i>	<i>Plural</i>
<b>Nominativo</b>	<i>Rosa</i>	<i>Rosae</i>
<b>Genitivo</b>	<i>Rosae</i>	<i>Rosarum</i>
<b>Ablativo</b>	<i>Rosa</i>	<i>Rosis</i>
<b>Vocativo</b>	<i>Rosa</i>	<i>Rosae</i>
<b>Dativo</b>	<i>Rosae</i>	<i>Rosis</i>
<b>Acusativo</b>	<i>Rosam</i>	<i>Rosas</i>

Dito isso, cabe dizer que no *latim clássico* prevalece à riqueza da morfologia em detrimento a ordenação sintática. Não que o latim tivesse uma ordem sintática totalmente livre e descabida, mas isso não era determinante na significação (GARCIA, 2008; GARCIA; CASTRO, 2010). Pela morfologia identifica-se a função ou funções que as estruturas exercem, ou seja, pela forma se observa o papel desempenhado no uso. Por essa razão, dizer que no latim *forma* e *função* estão intrinsecamente interligadas procede, são inseparáveis.

Aceitamos, assim, igualmente a definição de gramática expressa por Sebastião Votre (2012) que, em seu artigo *A construção da gramática em textos medievais*, afirma que:

Entendemos gramática como entidade metonímica, que reúne todas as construções que ela mesma gerou no curso do tempo. Portanto, gramática corresponde ao complexo mente/cérebro que, na comunicação e na reflexão cotidiana, pela repetição do uso, encurta algumas trajetórias, alonga outros, busca otimizar o processo de pensar e dizer no próprio movimento de pensar e dizer (VOTRE, 2012, p. 176).

De acordo com esse linguista, essas construções são “produtos do mecanismo comunicativo” gerados pelo uso. Aplicando essa noção ao latim, podemos afirmar que as construções latinas são, em sua maioria, estruturas rotinizadas. Para um indivíduo ser um “bom falante” do latim, bastaria somente ter domínio pleno da morfologia nominal e verbal, e conhecer “de cor” todos os casos das cinco declinações. A memorização de certas construções, com uso de preposições, por exemplo, facilitaria o emprego das formas/funções, tendo em vista que as preposições regem acusativo, ablativo ou ambos os casos. Desse modo, tendo a compreensão dos significados e regência das preposições, restaria apenas fazer o uso “apropriado” dos casos aos substantivos.

É esse domínio elementar que o instrumento linguístico de Araujo (1627) se foca. A nossa tarefa agora é mostrarmos como a *Grammatica latina: novamente ordenada, e conuertida em portugues pera menos trabalho dos que começã aprender*, de Araujo (1627) pode se entendida como um importante instrumento linguístico e, por essa razão, é um documento histórico que nos revela um método particular no ensino de latim.

## 2 A ATUALIDADE DA *GRAMMATICA LATINA* DE ARAÚJO (1627)

A *Grammatica latina: novamente ordenada, e conuertida em portugues pera menos trabalho dos que começã aprender*, publicada em 1627, ou seja, no início do século XVII e foi escrita pelo autor português Domingos de Araujo (também grafado

Araújo). É uma obra que se enquadra na esteira de gramáticas do XVII, entre as quais se destacaram a *launa Linguarum* de Wiliam Blathe (1611).

Uma versão digital fac-símile dessa obra encontra-se na **Biblioteca Nacional Digital de Portugal** e pode ser acessada gratuitamente<sup>3</sup>. A obra contém 94 páginas, das quais as 02 primeiras estão em branco e as 05 últimas também não apresentam texto escrito, totalizando 87 páginas escritas. O texto contém marcas de deterioração, mas não impedem a consulta ao texto, que se manteve praticamente intacto. Vejamos as informações que pode ser coletadas da capa do site da BNDP:

**Figura 01 – Grammatica latina de Domingos Araujo**

The screenshot shows the BNDP website interface. At the top, there is the BNDP logo and the text 'BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL' and 'biblioteca nacional digital'. Below this, a navigation bar shows 'BND > Grammatica latina: novamente ordenada, e convertida em portugues pera menos trabalho dos que...'. The main content area displays the title 'GRAMMATICA LATINA: NOVAMENTE ORDENADA, E CONVERTIDA EM PORTUGUES PERA MENOS TRABALHO DOS QUE COMEÇAM APRENDER...' by 'ARAÚJO, Domingos de, fl. 1627'. It also includes the publisher information 'Em Lisboa : por Pedro Craesbeeck, 1627. - [4], 39, [1] f. ; 8º (15 cm)'. A section titled 'Cópias Digitais' lists three options: 'Cópia pública' (19.5 MB PDF), 'Cópia pública' (39.4 MB EPUB), and 'Cópia pública' (19.5 MB PDF). There are also social media sharing buttons for Facebook (Gosto), Twitter (Tweetar), and a general share button (Partilhar). At the bottom, there is a PURL link 'PURL 14015' and the date 'Última atualização em 2016-03-01T07:43:31'.

Fonte: <http://purl.pt/14015>

Conforme se lê na *Grammatica latina*, esta está dividida em cinco capítulos, distribuídos da seguinte maneira:

Diuidese esta Grammatica em cinco capítulos.

O primeiro trata do nome, & declaração delle.

O segundo do verbo, & sua significação, & das quatro conjugações.

O terceiro da preposição, aduerbio, & conjunção.

O quarto da syntaxe, ou concerto  
das partes da oraçaõ.

O quinto, & ultimo he da quanti-  
dade das syllabas.

A declaraçaõ, & uso de cadahũ delles  
vai destribuido, em seus lugares com-  
petendes, & lendose com facilidade, se  
ficaria entendendo toda a Gramma-  
tica (ARAUIO, 1627, p. 05).

Em outras palavras, o primeiro capítulo contém a morfologia *nominal* (declinações dos substantivos), o segundo a morfologia *verbal* (conjugações), o terceiro os *termos invariáveis* (preposições, advérbios e conjunções), o quarto da *syntaxe* e o quinto e último, da *quantidade silábica* (duração das vogais — longas e breves). Essa organização é, como se pode notar, sinóptica. Arauio resume as principais questões gramaticais, tendo como foco o esclarecimento de dúvidas específicas. Longe de ser um estudo exaustivo de ortografia, prosódia, morfologia e sintaxe, a *Grammatica latina* é objetiva e não enfadonha, como bem observou o autor.

A partir das características do texto, acreditamos ser esta uma *gramática particular e expositiva*, com traços *didático-pedagógicos*. É **particular** porque investiga os casos, com exemplos do latim. O texto expõe os princípios da estrutura do idioma latino, apresentando as particularidades especiais dessa língua. É **expositiva** porque expõe os fatos da língua, com exemplos práticos, de fácil emprego. O texto contém listas resumidas para os usos dos casos latinos, com especificações das desinências. É **didático-pedagógica** porque se apresenta como um estudo gradual das informações gramaticais. A brevidade das explicações gramaticais, com exemplos em língua portuguesa indica um estudo de fatos atuais de língua, de acordo com a época de sua produção. Não é do tipo *geral* porque não faz comparações generalistas sobre línguas variadas. Quando o autor usa dados da língua portuguesa é para a melhor compreensão da latina. O objetivo do instrumento é o aprendizado da língua clássica.

Outras importantes informações podem ser colhidas do *Prólogo* do autor, do qual faremos a transcrição integral:

OBRA não esperada, & de seu mesmo inuentor desprezada se offerece por estilo, tam nouo como breue, & pera decorar, & não menos util segũdo a experiencia vai mostrando, se mal parecer minha sò serà a culpa, & se nisto me enganar como tem feito a muitos que se cançaraõ com abre uiaçoês de Artes, que não foraõ bem recebidas, ja terei com quẽ me consolar, & se aos que a seguirẽ for util, ao Mestre q a puser em pratica se dé o lou-uor, que o trabalho tomo por satisfaçaõ se vir que se aproueitaõ com elle.



A principal rezaõ que me fez tirar a luz esta Grammatica, & seguir este intento, foi considerar muitas vezes a causa porque muitos q principiaõ os estudos os deixaõ: sentindo pois esta perda geral vim a persuadirme, que a principal rezaõ era porq se lhe metia nas mãos não a sua Arte porque deuerão aprender, mas a do Mestre pera ensinar, que excede sua capacidade. A outra ser muy necessario aus que aprendem algũa das Artes liberaes breuidade, & clareza, & não podendo sair de dous extremos, de deminição de preceitos, ou escuridade nelles: breuis esse laboro obscurus fio. Escolhendo o meyo desta doutrina, deseiendo ser breue com que não fosse escuro; preualeceo o interesse à vista que me offerece se verifique os desejos de seruir a todos. Remeii a estudo, & trabalho o que não podia a mayor que reduzir a breues preceitos, & regras gerais, cousas tam diffusas, & proluxas como he a grammatica, ordenando de maneira que não aconteça aos principiantes, o que com as mais, & com clareza, que lhe não seja molesto o podelas saber de memoria, que não a trabalhando muito he certo que se alcãçarà o ganho deste intento em breussimo tempo, em que se poderà decorar, & aliuiados desta oppreção que a todos desanima, entrados no conhecimento da construição, & com o exercicio do Mestre sem duuida em hum anno se saberá Latim, o q pelas outras artes se não alcãça em tres quatro, q he o q os faz lagar a todos em tẽpo, que mal se podem aproueitar de outras, o que a experiencia tem asses mostrado; & em vossas Merces o grande progresso q com estes nossos escritos hauemos feito me fez mudar de intento, & tirar a luz, o que de grammaticas desejava calar, & satisfazendo a võtade que vossas Merces mostraõ, de que em letra impressa possaõ melhor conseruar na memoria os preceitos que aprenderão, offereço a vossas Merces este methodo sendo minha tenção ordenalo jó pera vossas Merces, que como filhos delle melhor o saberão defender, & amparar dos calumniadores, que ao bõ não perdoão, quanto mais a minhas imperfeições: aceitẽ vossas Merces o que seus rogos sò puderão acabar, que com isso me dou por satisfeito do trabalho que a vossas Merces agrada, a quem Deos guarde.

Lisboa 4. de Setembro de 1627.

Seu Mestre, & criado.

Domingos Daraujo.

Do texto desse *Prólogo*, podemos extrair pelo menos cinco importantes conclusões:

I. Segundo lemos no texto, o autor espera que sua experiência seja determinante no aprendizado preciso do latim e ressalta que carregará sobre si os possíveis erros que seu método venha a causar. O autor é esperançoso de que a aplicação de sua metodologia traga bons resultados.

II. A razão para a produção desse instrumento, segundo o autor, foi a sua constante preocupação com o aprendizado do latim. Para o autor, muitos alunos

iniciam seus estudos de língua clássica, mas devido ao material enfadonho com que se deparam, não conseguem prosseguir. E o professor (hipotético) de latim não utiliza de um método que viabilize o ensino, pelo contrário, faz uso de uma técnica (arte) que só a ele mesmo traz benefício. A capacidade do aluno não é estimulada.

III. Segundo o autor, o aprendizado de língua latina deve ocorrer sem dificuldades, por meio de uma arte não “obscura”, isto é, de difícil assimilação. Araujo tem a intensão de “servir a todos” e por essa razão, sua arte se foca no ensino breve e rápido.

IV. Com sua arte, Araujo espera que em um ano, no máximo, um aluno já possa dominar o latim, sem maiores dificuldades.

V. O método de Araujo, como se pode extrair do *Prólogo*, é inovador. Muito diferente de outras grammaticas de seu tempo, pois não anseia uma exposição pormenorizada, com infinitas listas e regras gramaticais exaustivas.

### 3 INSTRUMENTOS LINGUÍSTICOS E SUA UTILIDADE PARA O APRENDIZADO DE LATIM

Nessa seção, temos a intenção de trazer algumas importantes referências para o ensino-aprendizagem do latim, buscando, dessa maneira, problematizarmos sobre a lamentável de valorização desses instrumentos linguísticos.

Em uma rápida pesquisa, encontramos alguns seguintes compêndios gramaticais de latim produzidas entre o início do século XX e início do século XXI:

**Tabela 02 – Gramáticas do Latim traduzidas ou escritas em língua portuguesa**

Título	Autor / Autores	Ano
Gramática elementar da língua latina para uso das escolas	Joaquim Alves de Sousa	1908
Gramática latina	Padre João Ravizza	1940
Gradus primus	Paulo Rónai	1954
Ensaio sobre o uso do latim na botânica: latim para botânicos	Carlos Toledo Rizzini	1955
Gramática superior da língua latina	Ernesto Faria	1958
Propylaeum latinum (Sintaxe latina superior)	José Van Den Besselaar	1960

Gramática latina	A. Cart, P. Grimal, J. Lamaison & R. Noiville	1986
Gradus secundos	Paulo Rónai	1986
Gramática latina: para seminários e faculdades	Júlio Comba	1991
Gramática latina: curso único e completo	Napoleão Mendes de Almeida	2000
Introdução à teoria e prática do latim	Janete Melasso Garcia	2008
Latina essentia: preparação ao latim	Antônio Martinez de Resende	2013

**Fonte:** Biblioteca digital privada

Ao lado desses doze instrumentos linguísticos, acrescentamos a já citada *Grammatica latina: novamente ordenada, e conuertida em portugues pera menos trabalho dos que começã aprender*, de Arauio. Apesar disso, essa lista pode ser ampliada consideravelmente com inúmeras outras produções feitas nas últimas duas décadas. Não temos a pretensão de apontá-las todas, mas, como se vê na tabela 02, a bibliografia para ensino de língua latina não parece ser pequena.

Na contramão dessas produções, não vimos um crescimento no número de interessados em estudar o latim, tendo como base as gramáticas feitas no passado. Alunos oriundos da Universidade Regional do Cariri - URCA / Unidade Descentralizada de Campos Sales - UDCS têm demonstrado que os métodos tradicionais de ensino, que utilizam metodologias rígidas e antiquadas, não favorecerem o conhecimento da língua dos romanos (SOUZA; SOUZA, 2017).

Além disso, conforme Souza e Souza (2017, p. 60):

Percebe-se a partir dos relatos dos discentes que vários professores de língua latina passaram pela UDCS e deixaram suas impressões, umas positivas, outras nem tanto. O grande objetivo de um docente de língua clássica deve ser o de influenciar o aluno de maneira entusiasta para que a vida deste seja profundamente marcada pelo idioma e pela literatura, pois o clássico vem sendo ininterruptamente revivido na literatura e nas artes hodiernas.

Um método que cause o bem estar do aluno durante o aprendizado o fará assimilar o conteúdo de tal forma que dificilmente será esquecido ao longo do tempo pós-disciplina. Já um método nos moldes da pedagogia tradicional dificultará o processo ensino-aprendizagem, pois o mesmo faz do professor o senhor do conhecimento e afasta este do aluno.

A reflexão deixada pelos autores reforça a hipótese de que mesmo com o acesso a fontes antigas e modernas, o interesse por parte dos discentes ainda é pequeno. As dificuldades são constantes. E isso se agrava ainda mais diante do uso de metodologias, que segundo avaliação dos próprios alunos, eram completamente “descabidas” ou “inúteis”.

Assim sendo, não basta apenas que o aluno tenha acesso à bibliografia especializada sobre o *latim*, *grego* ou qualquer outra *língua clássica* ou *moderna*, por exemplo, é preciso que a metodologia de ensino empregada pelo docente seja adequada a cada turma ou semestre. A metodologia pode ser determinante no aprendizado desses idiomas.

Acreditamos que o método estabelecido por Araujo, se empregado corretamente, poderá permitir o aprendizado de língua clássica de maneira mais satisfatória. Há no Brasil pelo menos duas dezenas de gramáticas do latim, todavia, entre elas, ainda não se viu um instrumento que verdadeiramente supra as carências apontadas pelos alunos.

É preciso buscar alternativas para o ensino e essa gramática de Araujo parece se apresentar como proposta inovadora, ainda no século XVII. É bem provável que esta obra tenha sido feita na mesma linha que *launa Linguarum* de William Blathe (1611), pois assim como essa, o objetivo era o ensino de línguas.

Assim sendo, nossa proposta se fundamenta na crença de que teremos no método didático de Araujo uma saída. Mesmo ainda não sendo o modelo ideal para o ensino de latim, pelo menos será uma aplicação de uma nova maneira de transmissão de conceitos e noções gramaticais. Esperamos que à medida que a gramática pedagógica de Araujo seja aplicada, os resultados possam nos dar pistas de que estamos no rumo certo, com novas abordagens de ensino de língua clássica. Nosso desejo é demonstrar futuramente a eficácia desse método.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos algumas concepções de gramática, discutido, sobretudo, a sua multiplicidade de tipologias. E, a partir de um exame historiográfico em fontes dos séculos XIX e XX, conceituamos os principais tipos.

Tivemos também a oportunidade de discutirmos sobre o *processo de gramatização* e como esse conceito nos ajuda a compreender os instrumentos linguísticos mais importantes dos últimos séculos (gramáticas, especialmente).

Após a análise da *Grammatica latina* de Araujo, podemos classificá-la como uma gramática *particular*, porque expõe os princípios e as particularidades especiais do latim (RIBEIRO, João, 1889) e também como uma gramática *expositiva*, haja vista que esse instrumento linguístico descreve metodicamente os fatos atuais da estrutura do latim, com exemplos em latim/português (PEREIRA, 1907).

É nosso interesse, portanto, fazermos uso desse instrumento nas aulas de latim na UDCS/URCA. Acreditamos que qualquer material didático que facilite o

processo de ensino-aprendizagem de língua clássica será bem recebido pelos discentes.

## Notas

<sup>1</sup> Nesse estudo, Arnoux (2013, p. 285) define as três categorias de gramáticas da seguinte forma: “Los textos que abordamos se incluyen en la categoría amplia de gramáticas particulares, que junto con las de Estado y las generales constituyen los tres tipos que se van desplegando desde el Renacimiento hasta el siglo XIX. A diferencia de las de Estado (que aunque referidas a una lengua se ubican en un centro institucional) y las generales (que interrogan la facultad humana del lenguaje y los aspectos comunes de diferentes lenguas), las particulares transitan por el territorio lingüístico y evalúan la diversidad de usos, interesadas por sus especificidades sociales”. Mas diante dos vários modelos encontrados, esse conceito não dá conta de nossas necessidades. Contudo, os três tipos ressaltados nos servem de parâmetro para a análise de outras gramáticas existentes, como é o caso das gramáticas da RAE e a *Gramática de Port-Royal*, de Arnauld e Lancelot (1660), a *Gramática de la Lengua Castellana*, de Antonio de Nebrija (1492) e *El Dialogo de la Lengua*, de Juan de Valdés (1535), respectivamente de **Geral** (que enfatiza os núcleos comuns às línguas), **Estado** (enfatiza a prescrição de regras preestabelecidas) e **Particular** (observa o caso e a criação de critérios a partir deles).

<sup>2</sup> Esta obra aqui pertence ao meu acervo pessoal.

<sup>3</sup> Disponível em: «<http://purl.pt/14015>». Acesso em: 25 mar. 2017

---

## Referências

---

ALI, M. Said. **Grammatica histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

ALI, M. Said. **Grammatica secundaria da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, [s/d.].

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática latina**: curso único e completo. São Paulo: Saraiva, 2000.

ARAÚJO, Domingos de. **Grammatica latina**: novamente ordenada, e conuertida em portugues pera menos trabalho dos que começaõ aprender. Em Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1627. Disponível em: «<http://purl.pt/14015>». Acesso em: 25 mar. 2017.

ARNOUX, Elvira Narvaja de. Esbozos de un archivo de la diversidad lingüística en dos textos gramaticales renacentistas: el Diálogo de la lengua de Juan de Valdés y el Arte grande de la lengua castellana de Gonzalo Correas. In: ARNOUX, Elvira Narvaja de; ROCA, María del Pilar (Orgs.). **Del español y el portugués**: lenguas, discurso y enseñanza. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013, p. 285-325.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

BARBOSA, Jerónimo Soares. **Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem**. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1822.

BARBOSA, Jerónimo Soares. **Grammatica philosophica da lingual portugueza**. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1830.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo: Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2011.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.

BESSELAAR, José Van Den. **Propylaeum latinum (Sintaxe latina superior)**. v. 1. São Paulo: Herder, 1960.

CART, A *et al.* **Gramática latina**. Tradução e adaptação de Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. São Paulo: T.A. Queiroz/ Ed. da Universidade de São Paulo, 1986.

CEZARIO, Maria Maura. Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática. In: SOUZA, Edson Rosa de. **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 19-32.

CLEMENTE, Thalita Fernandes. As concepções de gramática e sua prática em sala de aula. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, CIEFIL, v. XVI, n. 4, p. 1591-1601, 2012.

COMBA, Padre Júlio. **Gramática latina: para seminários e faculdades**. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1991.

FARIA, Ernesto. **Gramática superior da língua latina**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FURTADO DA CUNHA, Angélica; COSTA, Marcos Antonio; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto: 2013, p. 15-30.

FURTADO DA CUNHA, Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto: 2013, p. 157-176.

GARCIA, Janete Melasso. **Introdução à teoria e prática do latim**. Brasília: UNB, 2008.

GARCIA, Janete Melasso; CASTRO, Jane Adriana Ramos Ottoni. **Dicionário gramatical de latim: nível básico**. Brasília: Editora da UNB/Ed. Plano Ltda., 2010.

LEONI, Francisco Evaristo. **Genio da lingua portugueza, ou causas racionaes e philologicas de todas as reformas e derivações da mesma lingua**. Lisboa: Typ. do "Panorama", 1858.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 43-70.

MATOS, Denilson Pereira de. **História da linguística**. Rio de Janeiro: UCB, 2007.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Grammatica expositiva**: curso superior. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1907.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Grammatica histórica**. São Paulo: Nacional, 1935.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de; VOTRE, Sebastião Josué. A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista. In: VOTRE, Sebastião Josué (Org.). **A construção da gramática**. Niterói, 2012, p. 157-174.

RESENDE, Antônio Martinez de. **Latina essentia**: preparação ao latim. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

RAVIZZA, Padre João. **Gramática latina**. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1940.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. **Serões grammaticaes ou Nova grammatica portugueza**. Bahia: Estabelecimento dos dois mundos, 1915.

RIBEIRO, João. **Grammatica portugueza**: 3º anno. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & C., 1889.

RIBEIRO, João. **Grammatica portugueza**: curso superior. Edição inteiramente refundida. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1933.

RIBEIRO, Julio. **Grammatica portugueza**. São Paulo: Miguel Melillo, 1899.

RIBEIRO, Julio. **Grammatica portugueza**. São Paulo: Jorge Seckler, 1881.

RIZZINI, Carlos Toledo. **Ensaio sobre o uso do latim na botânica**: latim para botânicos. Bahia: Fundação Gonçalo Moniz, 1955.

RÓNAI, Paulo. **Gradus primus**. São Paulo: Cultrix, 1954.

RÓNAI, Paulo. **Gradus secundus**. São Paulo: Cultrix, 1986.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Charles Bally e Albert Sechehaye (Orgs.), com a colaboração de Albert Riedlinger. Prefácio à edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Bliskstein. São Paulo, Cultrix, 2012.

SOUSA, Joaquim Alves de. **Gramática elementar da língua latina para uso das escolas**. Coimbra: LVMEN, 1906.

SOUZA, Adilio Junior de. O preconceito linguístico em debate: quais gramáticas descritivas usar? In: SIMPÓSIO DE GLOTOPOLÍTICA E INTEGRAÇÃO REGIONAL, 2016, João Pessoa. **Anais do I Simpósio de Glotopolítica e Integração Regional**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017a, p. 369-386.

SOUZA, Adilio Junior de. O latim do vaticano: língua morta ou artificial? In: SOUZA, Adilio Junior de (Org.). **Estudos clássicos em debate**. Pará de Minas: Virtualbooks Editora, 2017b, p. 10-23.

SOUZA, Adilio Junior de; SOUZA, Joselmo Cordeiro de. O ensino de línguas clássicas na UDCS/URCA: novos avanços. In: SOUZA, Adilio Junior de (Org.). **Estudos clássicos em debate**. Pará de Minas: Virtualbooks Editora, 2017, p. 44-77.

TAVARES, Maria Alice. Gramática emergente e o recorte de uma construção gramatical. In: SOUZA, Edson Rosa de. **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 33-51.

VOTRE, Sebastião Josué. A construção da gramática em textos medievais. In: VOTRE, Sebastião Josué (Org.). **A construção da gramática**. Niterói, 2012, p. 175-190.

---

### Para citar este artigo

---

SOUZA, Adilio Junior de. As ideias linguísticas de Domingos de Araújo e a tradição no ensino de língua clássica no Brasil. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 6, n. 2, p. 219-242, maio-ago. 2017.

---

### O autor

---

**Adilio Junior de Souza** possui graduação em Letras: Português/Inglês e respectivas Literaturas pela Universidade Regional do Cariri - URCA (2007) e Mestrado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba - UFPB (2015). Atuou como membro do Grupo de Pesquisa Teorias Linguísticas de Base - TLB/UFPB, registrado no CNPq (2014-2016). Tem experiência em Linguística Histórica e Linguística.